

ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS

Sessão solene em memória
do acadêmico Higino Cunha
realizada em 12-12-1942

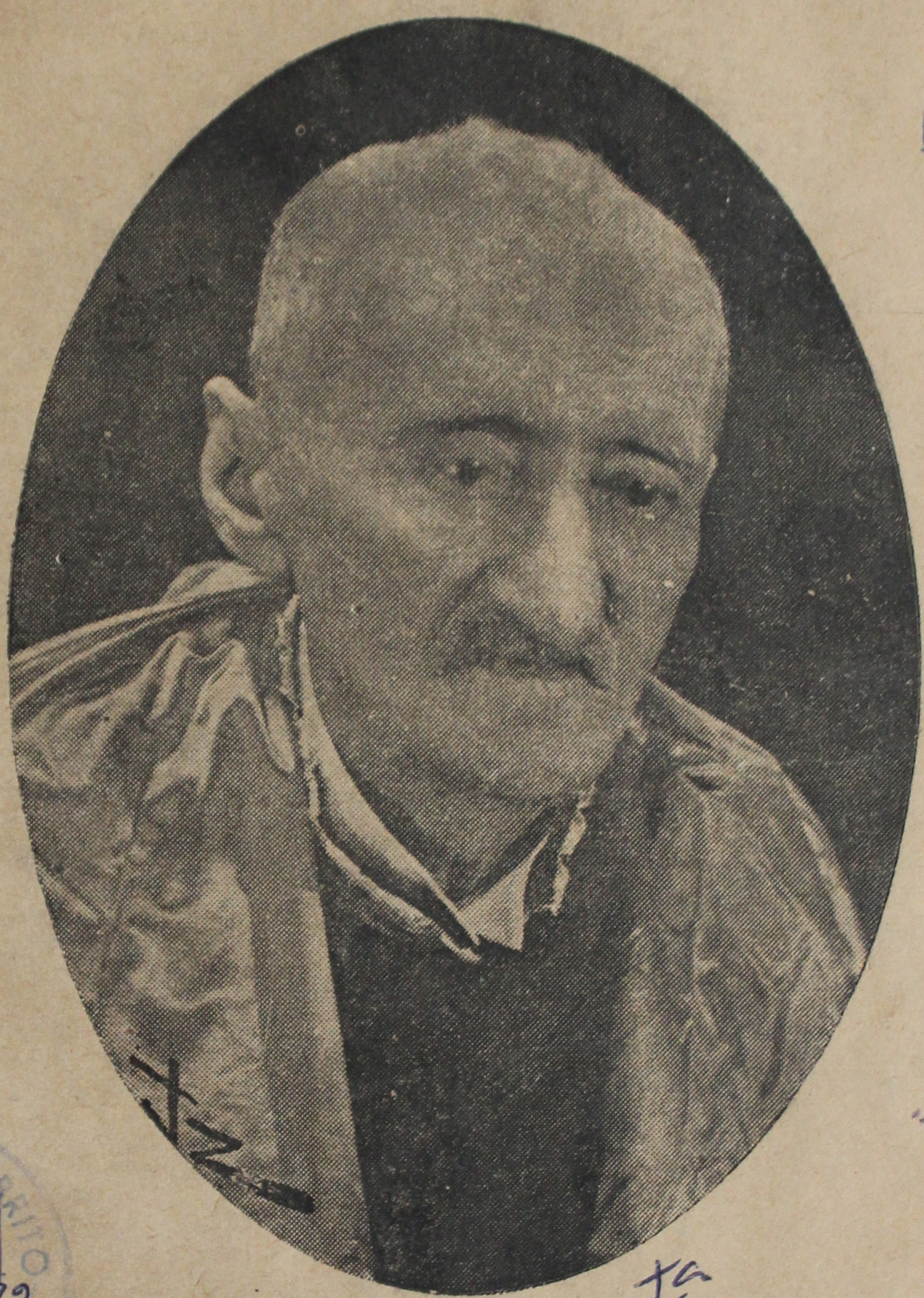
"H"
[Redacted]

"J"
[Redacted]
380

CASA "ANISIO ANTONIO"
(Biblioteca Pública)
TERESINA

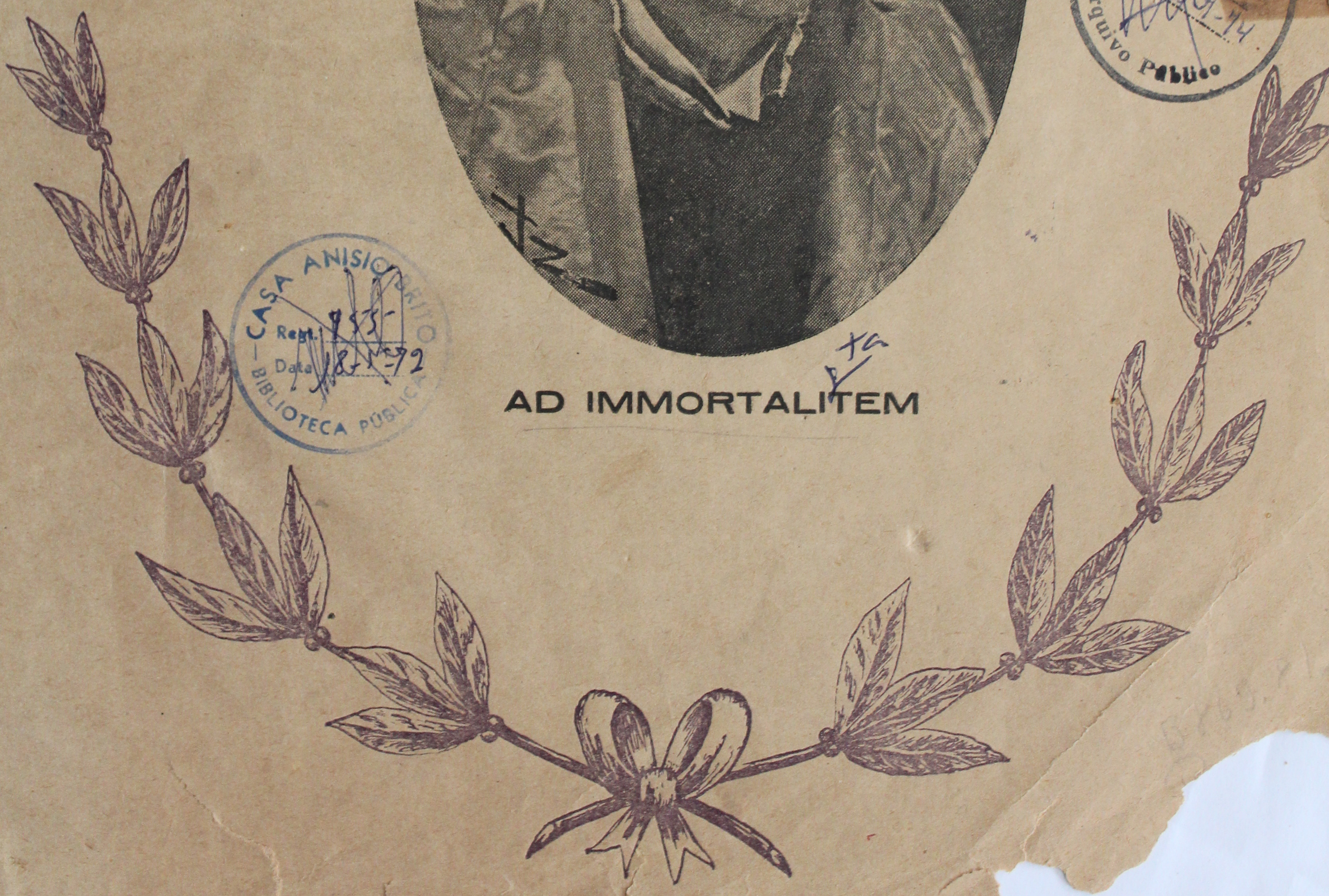
BIBLIOTECA E ARQUIVO PÚBLICO
TERESINA

Casa Anísio Antonio
Reg. 760
Data 12-12-42
Arquivo Público



CASA ANISIO ANTONIO
Reg. 755
Data 12-12-42
BIBLIOTECA PÚBLICA

AD IMMORTALITEM





HIGINO Cícero da CUNHA, nas-
cido no sitio Bacurí, antigo municí-
pio de São José das Cajazeiras,
Maranhão, a 11 de janeiro de 1858
Fez o curso de preparatórios no Li-
ceu Maranhense, em São Luiz. Ba-
charel de Recife aos 5 de outubro
de 1885. Juíz no Maranhão e no
Piauí. Professor catedrático do
ceu Piauiense e da Faculdade

Direito do Piauí. Membro
e presidente do Instituto
Geográfico do Piauí.
dor, titular efetivo e pro
Academia Piauiense d

lecido, em Teresina, a 16—11



Palavras iniciais do sr. Martins Napoleão, presidente da A. P. L.

ESTA sessão pública de homenagem tem caráter regimental: nenhuma vaga em nossa Casa se considera existente sem que se realize esta reunião de saudade e aprêço.

Não o exigissem os Estatutos e, ainda assim, aqui nos encontraríamos, tais os extraordinários títulos do sr. Higinio Cunha, fundador e sócio efetivo da A. P. L., seu presidente durante largos anos, e rara expressão intelectual de nossa época.

As Academias, que conferem a precária imortalidade do mundo das letras, estão menos ligadas aos vivos, que lhes pertencem, do que aos mortos, que fazem o seu panteão. Por isso mesmo, nas suas festas, estão sempre simbolicamente entrelaçados o louro e o goivo, — corôa gloriosa da vida e grinalda melancólica da morte . . .

Os consócios inscritos para esta solenidade vão dar-vos a medida do gigantesco escritor a quem as gerações, que por êle passaram como as folhas caducas da geração de Homero, deram o título de Mestre.

Poligrafo, na completa acepção do vocábulo, pode viajar as regiões mais diferentes do país da inteligência, da cultura e do sonho: jurista e professor, jornalista e filólogo, crítico e historiador, panfletário e memorialista, músico e poeta, pertence a uma classe de homens que está minguando em nossos tempos: a dos que sabiam humanidades.

Diante da irreducibilidade de suas convicções anti-religiosas, dir-se-ia que para êle foi escrito o tríptico de Rainer Maria Rilke:

«Ó Senhor, dá a cada um a sua própria morte,
a morte que procede desta vida,
onde êle conheceu seu amor, sua missão e sua angústia».

A A. P. L., hoje, naturalmente, a cada um se respeita o direito de pensar com honestidade, presta-lhe, hoje, homenagem de profunda admiração, porque êle foi, na realidade, uma inteligência privilegiada e uma cultura excepcional — cabeça de montanha na superfície de nossas letras.



compa

CONFERÊNCIA DO ACADÊMICO CELSO PINHEIRO

CASA "ARQUIVO"
(Biblioteca Pública)
TERESINA

Casa Anistia
Peg
Arquivo Público

Perdão, meus senhores, Higino Cunha não morreu. Mentiu a ciência, é falso o atestado de óbito. O ibis solitário das margens do Parnaíba, ainda reflete, sobre o dorso polido das águas, a poeira luminosa das cismas e pensamentos. O cedro gigante das nossas florestas, ainda repousa a fronde constelada no travesseiro azul do Infinito . . .

O mestre querido nunca foi tão presente e tão vivo nas cidades espirituais do nosso carinho e da nossa sensibilidade. Nunca, jamais, a figura do mestre assomou tão expressiva e harmoniosa à janela das nossas almas. Nunca, jamais, o perfil do mestre se delineou com mais nitidez e encantamento na moldura radiosa das nossas consciências . . .

Vejo-o ainda entrando a taberna da Vida, acendendo o cachimbo loiro das meditações, refrigerando-se à mistura deliciosa de sonhos e de quimeras. Oíço-lhe a voz como um látego sonoro de tempestade ao clarão das refregas magníficas, soberbas, incomparáveis. Oíço-lhe a voz florindo como um veio de água corrente sob as tonalidades e nuances da palestra. Vejo-lhe ainda a pena fulgurante de jornalista — alfange do saber — cintilando ao sol na vindima iluminada das idéas . . .

Sinto-o, palpo-o, escuto-lhe a harpa do sangue — panóplia de civismo — onde se ocultavam as armas solares da Democracia. É o mesmo o que ora parece dormir sob a máscara de ouro do Silêncio. Apenas o coração — ferreiro impenitente — vendo abandonada a oficina orgânica, resolveu também dar férias ao grande espírito . . .

Higino Cunha, entretanto, não morreu, que não morre nunca um predestinado de Eleusis. É inútil que se lhe espalhe em torno do nome aureolado uma porção de pasmos e de espantos. O girasol imperial da Terra continua a girar sob o disco resplandecente do sol. Não é a vergastada outoniça sobre as árvores, que as impede de sorrir de novo, engalanando-se de flôres para a oferta lírica dos frutos. Avante. *Sursum corda!* Póde lá morrer quem deixou inscrições no mármore da Vida? Higino Cunha, como sempre, move-se, fala, sente e sonha no bazar tumultuoso das nossas letras . . .

A sua integridade de agora é das que se não desagregam jamais porque é a estrutura da forma ardendo ao sangue moço do estilo. O barro de Adão e Eva estremeceu sob modalidades divinas, por animá-lo sómente o transcendentalismo da luz. Higino acaba de confundir-se com as figuras de João Lisboa, José do Patrocínio, Alcindo Guanabara, Clodoaldo Freitas, Antonio Lobo, Anísio de Abreu, Abdias Neves e todos os grandes operários da opinião pública, que se fizeram a si mesmos . . .

O homem que serve à imortalidade é como o

grão de trigo que se renova sempre à mercê e a graça dos outonos. A virtude é semente que se não perde jamais no loiro campo fecundo do Universo. O humus do sentimento se não cansa de oferecer-nos o milagre divino da renovação. Aquêlê que trazer consigo a centelha dos céus, ha de, por fôrça, confundir-se com a flâma universal . . .

E Higino Cunha foi dos que agitaram o galhardete farpeado das idéas. Foi dos que, dilacerando a fita azul dos horizontes, brecharam caminhos por onde trouxeram cachoeiras de sonhos e de quimeras. Foi dos que, rompendo o casulo do espírito, povoaram desertos com elementos mádidos de vida . . .

Efetivamente, que nobre e belo e justo e admirável coração não possuía esse homem extraordinário, em ressonâncias de afêto e de carinho! Ninguém cultuou Deus mais inteligentemente, ou cristianissimamente do que êle, varrendo montanhas de intrujice e de impostura para a conservação dos monumentos eternos da verdade. Ninguém, como êle, cultuou Deus com mais clarividência e bondade, ora pugnando pelas causas cívicas e liberais, ora acobertando com o linho da sua proteção, a perseguidos e deserdados da sorte . . .

É embalde que a intolerância religiosa, deselegante e cêga como as estriges da noite, procure ver no elogio às suas convicções filosóficas, algo de hostil e venenoso contra os dogmas da igreja. O impio sincero é tão respeitável como o devoto igualmente sincero. A sinceridade é que enobrece e dignifica as inteligências. Crer ou descreer não está na nossa vontade, nem altera a nossa contextura moral. Imprescindível é que sejamos virtuosos e preenchamos os nossos deveres. A fé ou a descrença em nada diminue os indivíduos, maximè quando são expressas com superioridade e beleza. Ninguém se sentiria desviado trilhando o caminho florido ou pedregoso das boas intenções . . .

Interessante. Quem nos desvendará todos êsses arcanos da sabedoria incriada? Fala-se geralmente da eternidade como uma coisa fóra da vida. Não, muita coisa escapa, realmente, à nossa percepção, porque o amor, sobre ser clareza, é também misterio profundo, impenetravel. Nada existe, entretanto, fóra da vida, que nada é morto na natureza. A eternidade é isto, é esta barraca de tólido azul, sob o qual nos abrigamos. É a hora presente, o som que sôa, a centelha que brilha, ou o perfume que alegra os nossos sentidos. Seu ritmo é o ritmo dos nossos corações, é o fluxo e refluxo do nosso sangue, é a cítara abemolada das nossas impressões. O céu e o inferno, com que se pretende premiar e castigar respectivamente, as nossas virtudes e as nossas culpas é apenas um estado, um apanágio moral. O céu e o in

ferno são criações nossas, é um produto da nossa fantasia, uma consequência dos nossos sonhos e dos nossos pecados. Deus meu! Como a imaginação humana não tem limites, nem se conforma com os pesados grilhões da renúncia e da saudade! Também a vida é tão bela, tão preciosa, sugere tantos e tão delicados motivos de enlêvo e encantamento, que, ao fim de tudo, vale a pena dizer-se como o inimitável Antêro — "Nem foi demais o sofrimento e a dôr! . . ."

Cultuar Deus, todavia, não é ralar-se a gente de penitências, mutilando as roseiras túmidas da carne. Deus não quer que sejamos desgraçados, mas felizes. Realmente, como nos poderia desejar mal o infinito bem? Deus não é um homem, nem um rei, nenhuma individualidade. Deus é criador e criação. Deus é a parte e o todo, Deus é a unidade. Sabem-no disso filósofos e estetas. Sabem-no, brilhantemente, artistas e intelectuais. Deus é o amor, simplesmente o amor. É todo o sentimento, é a flôr e o fruto, o germe e a fecundidade. É a prática dos bons costumes, o culto das nobres idéas e dos nobres sentimentos. Deus é a vida, o fôgo sagrado que se não extingue jamais porque é chamejamento de Infinito à forja da eternidade. São todas as manifestações do Belo e do Sensível, é a Arte maravilhosa, imutável e eterna como a luz. Não confundamos Deus com os réculos e citadores, obscurecendo, dêsse modo, os altos principios de liberdade e justiça. O amor não pode ser mistificado porque é tudo — o espírito e a matéria . . .

Higino, se não compreendia que Deus é a Natureza, praticava-o, entretanto, sentia-o no sub-conciênte — o pélogo de estrêlas da saudade. Em verdade, não são os sábios e os cultos, muitas vezes, os detentores da verdade, mas os simples e os ingênuos. Nem a verdade é privilegio de ninguém. Uma criança pôde tocá-la, senti-la, revelá-la. A luz aí está para todos. A sensibilidade é o caminho luminoso das certezas. Tanto é lamentável a cegueira da ignorância como o delírio das mentalidades. Todos nós somos criaturas divinas, somos deuses, somos partes integrantes da Divindade. Somos o Universo, somos o Infinito, nós, todos nós . . .

Higino não podia evitar que fosse algo dos céus nem que Deus o habitasse, regendo-lhe as belas ações, abrindo-lhe clareiras de suavidade, colorindo-lhe os vitrais da virtude no próprio templo destruído do organismo. A alma do mestre era como uma estância clara de verão, onde todos iam buscar um punhado de saber, ou ùa mancha de graça e de harmonia. O odio, que é o avêso do amor, não o cultivava êle nas regiões encantadas da alma — velho jardim de azul em ressonâncias de abril. O odio era planta rasteira que lhe não resistia às rajadas e surtos do bom-senso . . .

De feito, impetuoso, ardente, impulsivo, apaixonado como um caboclo do norte, nos arremêssos da luta, a alma em châmas, vibrátil, acêsa, ignívoma, estuando de seiva e de energia, era de ver como o seu vulto leonino desferia frechas rápidas, certeiras, incisivas, untadas, ao mesmo tempo, da mais flagrante e piedosa indulgência . . .

O vanguardeiro dos ideais era tão ousado e al-

tivo nas arremetidas e avanços, como generoso e complacente no término poeirento das batalhas. Os mimos e alfaias do coração, não os desprezava êle nas justas da inteligência, apertando a mão ao adversario valeroso e destemido. A lâmpada do cérebro nutria-se-lhe das amêndoas da liberdade. Foi assim nas pugnas da Abolição, assim na propaganda da República, assim em todas as reivindicações sociais, êste magro leão das selvas do Pensamento . . .

Amainados, todavia, os fragores da procela, arrefecida a contenda em que se empenhára, ou ensarilhadas as armas da peleja, a sua acrimônia esvaia-se como os vapores da borrasca à limpidez e esplendor das manhãs que sucedem às noites tempestuosas. Um suave, um cândido sentimentalismo o envolvia todo nessas ocasiões, como as auras fluídicas e vaporosas da mansuetude e do bem. E êle compreendia, então, belamente, que bons e maus são todos dignos de piedade, de vez que o mundo cada vez mais se adelgaça no sofrimento e na dôr . . .

A sua vida, tão ampla, tão vasta, tão fecunda mesmo em ensinamentos solares, aí está como um estuario de sonho e de beleza, oferecendo a biógrafos e historiôgrafos a sua obra complexa, variada, onimoda, como o intrincado maravilhoso dos trópicos. Nós mesmos, seus confrades e admiradores, os que o acompanharam de perto à cordilheira dos dias, havemos de, por muito tempo, evocar-lhe os lances e episodios interessantíssimos, vendo arder e crepitar à flâma acêsa da nossa palestra, o tóro esbraseado do coração, aberto em faúlhas de volutuosa saudade . . .

Efetivamente, a casa do mestre era como um asilo de sonho, onde se abrigavam os moços de talento da época, em tertulias deliciosas, até altas horas da noite, presididas pelo seu bom humor e inteligência. Era ali que se comia o doce mais fino e se tomava o café mais intelectual, temperado com a frase mais espirituosa e o dito mais leve e cintilante . . .

Jônatas Batista, Zito Batista, Alcides Freitas, Lucidio Freitas, Saraiva de Lemos, Antonio Chaves e Baurêlio Mangabeira — faróis da minha ternura — ali reunidos para o abelhamento apolíneo, conversavam, riam e recitavam estrofes do dia, frescas, puras, ingenuas como cachos loiros de uvas. Êles eram como macieiras em flôr sacudidas pelo punho frágil das ilusões. A alegria de viver oferecia-lhes asas para as expansões e alados do pensamento. E o mestre os amava e os acolhia como a elementos de sua família . . .

Em meio à graça esfusante dos moços, o perfil do mestre assumia, por vezes, a figura de um Júpiter moderno que ideasse diabruras encantadoras, confundindo-se com êles na mesma serpentina de cordialidade e bom-gôsto. Higino Cunha era, realmente, o irmão maior, o guia encantador, o Cristo iluminado das nossas gerações literárias . . .

Cigarra dos estios, sem preocupações materiais, embriagando-se constantemente nas cervejarias da luz, deixando-se conduzir ao léu da sorte, como os flócos de espuma da correnteza, êle era, contudo, como o lírio do campo, de quem disse o nazareno que nem Salomão, em

oda a sua glória, jamais se vestiu como êle ! Ajusta-se-lhe, perfeitamente, a tragedia de *O Feijão e o Sonho*, comovedora sátira de Orígenes Lessa, o admiravel escritor paulista, retratando o espirito dos homens de letras, eternamente maguado pelas urzes e abrolhos da materia . . .

Pobre mestre! Tão suave, tão simples, tão harmonioso e tão bom! Que pena que a neurastenia—flagelo dos intellectuais e traça da velhice—lhe houvesse, êstes ultimos tempos, adelgado os rendados de custo da elegância! Que pena que se lhe perturbasse o ritmo ateniense quando mergulhava êle nas últimas sombras do seu belo, o seu longo, o seu incomparavel crepusculo! . . .

Por que não lamentar-se-lhe a serenidade netúnica, toldada pelos resíduos e espumas da tormenta? O velho combatente relanceava ainda o olhar incendiado sôbre o troféu das vitórias, saudoso da próspera colheita de feitos e façanhas. Já no lusco-fusco da existência, com os pés na sepultura, como costumava dizer, sobejavam-lhe as derradeiras farpas do temperamento revolucionario, denunciando-lhe ainda a agilidade e o jeito dos antigos prélios e campanhas . . .

Todavia, como se lhe misturava de travor a doçura do espirito agitado nos torvelinhos ásperos do tédio! Quem de nós lhe não assistiu aos arrancos e impulsos dilacerando os tecidos imponderaveis da razão, sem mais o aticismo helênico de outrora? O *spleen* era como uma mósca que lhe teimasse em poisar na granada líquida do cálice . . .

Ai, a terrivel, a dolorosa, a pungente calmaria dos nervos! Que pena que esta o tivesse afastado das amaveis e doces companhias que, lhe não invejando, nem de leve, a farta mesa espiritual, nada mais queriam dêle senão alguns grânulos de entendimento recíproco ! Mas "a abóbada celeste, ameaçadora e bruta, tinha o ar concentrado, o ar de quem escuta". Erricava-se-lhe a natureza, dantes tão irizada dos lavôres e graças da inocência. O tempo, o incorrigivel jogador do Casino dos Seculos, distribuia-lhe o baralho das nuvens . . .

E aqui mesmo, nesta Casa, onde sempre ardeu em sua honra a mirra e o nardo da mais fina cordialidade, pena foi que, por um ponto de vista caprichoso e pessoal, tivesse êle estranhado a velhos e dedicados companheiros, infringindo, dess'arte, as boas normas do cavalheirismo e da distinção. Isto a que aludo com pezar, sómente por se prender às coisas da A. P. L., atenua-se, entretanto, pelas bastas provas de espiritualidade e carinho por êle testemunhadas no culto iluminado e sereno do nosso austero e glorioso instituto. Êle era, comumente, grande como a glória e magnifico e eterno como o pão! . . .

Parece que estou a vê-lo ainda sôb a fiapagem de anil dos seus dias magos de sol. E, contudo, foi êle que se encontrou ha dias no féretro dourado da manhã, silencioso e humilde, sôb a piedade das rosas, à espera

que o deixassem "só, aos cuidados das aranhas e do outono . . ."

Senhores, atentai bem: são mais de sessenta ânos de literatura e de arte que lá se foram adormecidos no culto da beleza eterna, serena, inatingivel. São mais de sessenta ânos de labor intelectual ininterrupto, constante, infatigavel. De labor intelectual que se consumiu a si mesmo, por transmitir à legião dos vindoiros os sinais luminosos da operosidade eficiente. É uma existência inteira a que se foi, como ligações com o Infinito, estriada de altruismo e de nobreza, raiada de fé e de ideal . . .

Ao termo da tarefa gloriosa, o mestre tinha bem direito a êste largo sono budítico e redentor. Êste sono é sagrado como o vinho que se bebe nos altares. Se alguém ousasse acordá-lo, o mestre o censuraria como Lazaro censurou Cristo, consoante uma bonita página de Emile Zola . . .

Reverenciemos, pois, a serenidade do grande acadêmico. Êle foi a terra dadivosa e fecunda que tudo nos deu sem nada pedir ou reclamar. A renúncia e o desprendimento foram as duas aranhas tecedoras do seu destino. A fome talvez lhe houvesse palpado o estomago vazio, sôb a fronde de ipê do cérebro radioso. Ungiram-no sempre as abelhas da humildade e do sacrificio. Se, por vezes, a rebeldia lhe acendeu brazidos estivais, é que ela é mesmo própria de humildes e sacrificados. Quantas vezes a sua palavra se não ergueu como uma espada pra defender o proletariado oprimido ! . . .

Sim, porque é preciso *santar*, revolta não é somente inquietude, cáos, insânia, desespero inconformado, mas virtude, beleza, fôrça, idealismo, claridade. O elemento que se não revolta é como a agua estagnada que se decompõe. Necessario é opôr à estática da inércia a vibratibilidade das ações. É no convulso estridor das revoltas que reside o germe dos heroismos. As almas verdadeiramente superiores são rebeldes. A vida, em suma, é uma modalidade vermelha. Sugere gritas, tumultos e motins o turbilhonamento das ânsias. É a reação que determina o formigueiro das energias. A insubmissão revela e define as individualidades. Só a rebeldia rejuvenesce e sublima, quebrando o sêlo a vastos e desconhecidos horizontes . . .

Higino não podia deixar de ser voluntarioso como as ondas, arrebatado e sófrego como os ventos, ou inflamado e candente como o raio que fere o dorso azul das montanhas. O arcaboço de Anteu tinha visionamentos que se perdiam na orla violacea das distâncias . . .

Fruto de três raças tristes, regumando o tropicalismo das selvas, caldeado pelas ardentias do sólo, afeito aos grandes ideais de perfeição, ninguem melhor do que êle incarnaria *le plus beau pays du monde*, como se diz na doce França. Êle era dos que, nada tendo de seu, se servem nababescamente de todas as maravilhas ao seu alcance. A natureza prodigiosa e os tesouros que fariam endoidecer a qualquer homem se lhe fossem dados conhecer. A sua pobreza era a riqueza da pelas irra-

...ações de ... chia-no de rutilâncias e claridades,
uma emanação de auréolas, nimbos, halos e rosiclères.
A sua pobreza era o seu orgulho, o traço forte e incisivo
do seu caráter. A sua pobreza lhe foi sempre a amante
doce e fiel que, ao influxo da sua graça, mais lhe abas-
tecia o celeiro de oiro das virtudes...

Para que mais de uma túnica, para que alforjes
e alparcas, se digno é o operário do seu alimento, como
assegurou o divino mestre? Bastava-lhe o dia cheio de
sol e a noite cheia de estrêlas. Ele saberia fazer a multi-
plicação dos pães, ele saberia, como os poétas, transfor-

mar a água em vinho. Em qualquer parte onde lhe apro-
vesse, era de ver como, estendendo a velha manta de
carne para repouso do espírito, ele saberia arquitetar
monumentos e cidades às espirais de fumo do seu ca-
chimbo...

Grande velho! Imenso coração! A Academia
Piauiense de Letras — prenda dos teus cuidados, áscua
dos teus ciumes, joia dos teus alheamentos amoráveis —
a Academia se curva como uma flôr ante a tua imagem,
como um preito justo e sincero pelo muito que te deve
e o muito que te venera e bendiz...



CASA "INSTITUTO BRASILEIRO"
(Biblioteca Pública)
TERESINA

sas empolavam e serpenteavam em corredeiras o sangue, por entre as equimoses na tortura dos troncos, das lages e dos porões? Há de acentuar-se, entretanto, ao temperamento do batalhador destemido a soalheira destas plagas tão castigadas pelo fogo do Sol., tão bombardeadas pela ira de Tupã.

Em homenagem à memória de Higino Cunha, quero também aqui deixar a minha rajada de rebeldia, rebeldia que êle guardou no peito durante quase noventa anos, acusando a profunda noite moral em que vive o homem — cego, impotente e condenado —, não só na vizinhança do canhonheio que desmorona as Nações, como na estagnação em que vive entregue às competições malsãs, à adoração do bezerro de ouro, assistindo ao desrespeito das leis três vezes sagradas da solidariedade humana, à perseguição sistemática ao pensamento, ao amordaçamento das consciências, de tal sorte que qualquer palavra ensaiada em defesa dos postulados da lei, seja o repique funesto que chore o desaparecimento da vontade, pelo boicote das possibilidades, enquanto se obriga à aceitação tácita de todos os processos com que hoje se julga o pensamento e asfixia a inteligência do coração.

Da família acadêmica do Piauí, era Higino Cunha o mais velho e talvez o maior. Mesmo, antes de existir a nosso Companhia, a residência do Mestre era, há longos anos, um viveiro de idéias, um refugio do pensamento: Pensadores, jornalistas e poetas convergiam àquela casa, onde as tertúlias se multiplicavam, entremeadas pelas sessões artísticas, os serões de família, as palestras de bom tom, em que os satélites iam beber a hospitalidade daquele aristocrático recanto da inteligência. Quase todos os mais velhos do que eu aprenderam naquele ambiente, recitaram seus versos; beberam as lições e o vinho do Mestre, cortejaram as moças que lá se reuniam, lisongearam o aparecimento dos mais no-

vos e, sobretudo, se acostumaram à profunda verdade de que "nem só de pão vive o homem".

A êsses núcleos intelectuais, a irreverência habitual passava a acoimar de cambada, como muito bem acentua Orígenes Lessa. Êles faziam a seleção dos elementos perigosos. Perigosos, porque cada um pensava por si mesmo, porque destruíam os tabús, porque zombavam dos medalhões, ridicularizavam os corifeus da sorte, anatematizavam a ignorância condecorada, fugiam dos salamaleques, perdiam o tempo, a cismar, deixando evolir-se a ocasião das propinas — malta de dementes, que em pleno século da adoração ao régio metal, recebe a alvorada com um sorriso e vê descambar o sol, com os olhos maravilhados, ensaiando uma prece introspectiva.

Senhores!

Tôdas as incompreensões e malquerenças havidas dentro da órbita desta Academia, para mim, só tiveram uma assinalada virtude: produzir mais energia, pelos atritos e choques, dando mais fulgor às inteligências, mais aceleração ao movimento, aumentando as calorias nos diversos sistemas de gravitação. As sete côres do espectro são distintas, mas tôdas se confundem na luz branca solar.

Que importa a frivolidade do mais novo, reagindo contra a severidade protocolar e pesada da maturidade, projetando-se fora da épura—trêfego, irreverente e rebelado? Que importa a caturrice nesta Casa de sonho, encantamento e beleza? É de considerar-se apenas o nosso rumo para o futuro. Se os mortos governam os vivos, o nosso caminho já está traçado. Contra a Casa de Lucídio Freitas todas as forças baterão inutilmente. O Mestre pode ter morrido, mas, lá do outro lado da Vida, lá, das regiões geladas do Silêncio, êle acompanhará com os olhos do espírito a nossa rota para o Ideal. Higino Cunha será sempre o nosso guia. Em qualquer emergência, tomaremos o sextante, para verificar, a qualquer hora do dia, a altura do Sol.



PALESTRA DO ACADÊMICO ESMARAGDO DE FREITAS

Sr. Presidente, minhas senhoras, meus senhores:

Anisio de Abreu, um vulto de ontem, muito nosso, muito piauiense, figura inquieta e inquietante de beletриста que a politicalha jamais abafou, foi poeta na mocidade e, então, após incruenta excursão cinegetica, cometida de compadrice com João Alfredo de Freitas—ameno folclorista e animoso caçador de lendas, escreveu o soneto *Vida Campestre*.

Nesse breve poema o romantico conterrâneo do cantor epico do "Touro Fusco" alude à boiada — de aspecto lancinante que em marcha funeral vem descendo da selva . . .

**Em circulo se posta. E em torno do terreiro,
Crescido pelo sol, ao morto companheiro
parece transmitir o adeus da despedida.**

O bardo reporta-se a certo episódio da vida pastoril, o qual consiste em historia muito sabida de todos nós.

Anteriormente a Anisio de Abreu, muito antes mesmo do grande brasileiro Francisco Dias de Avila II, do coronel Domingos Jorge Velho e do capitão Domingos Afonso Sertão, de Pero Vaz Caminha e do infante dom Henrique, já se enunciara — não ser o sentimento privilegio da especie humana.

Neste parolar axiomático reside uma verdade a La Palisse, possivelmente sedição, nem por isto — todavia — desprezível.

Cêdo — os virgilianos que precursaram o poeta de Mantua pressentiram a saudade do reino vegetal. Cêdo — pastores e aédos poderam atestar que o "delicioso pungir de acêrbo espinho" aguilhoava também os irracionais . . .

A saudade veiu da historia natural para a historia da civilização.

Cabe observar voltaireanamente que o homem, com o dom de aperfeiçoar tudo, que a natureza lhe concedeu, aperfeiçoou a saudade, regulando-lhe as manifestações, instituindo o culto dos mortos, criando soleis religiosas e civicas.

A idéa de aperfeiçoar repele a de destruir. A perfectibilidade implica conservação. Dest'arte, sua inocência edenica, tal culto permanecente, subsistindo popularizado, direi mesmamente como todas as instituições antigas, o implume de Diogenes, ou o animal que teve de aceitar, ditando-lhes o termo.

O companheiro morto começou a ser dispensado e o dispensaram os pais e o padre Cardim

não mentiu, se prolongava por "toda uma lua", dirigida pelo murubixaba que discursava sobre as estrepolias praticadas em vida pelo extinto.

Tambem os africanos barbaros, que para cá vieram depois, não se eximiram (não obstante a reação sofrida primeiro do rêlho e — em segunda — do sabre) aos candomblês em que invocavam o morto, para conhecer as deliberações últimas deste, impondo a aparição, na cerimônia, do Egungun—a alma do finado. Todos os povos civilizados adotaram e exerceram, e exercem, ritos exequiais . . .

Atraídos irremissivelmente para o mundo que pensa com superioridade, e deste participando, nós — brasileiros, nós — piauienses, outro jeito não temos si não seguir as praxes civilizadas . . .

Não ha necessidade de dizer mais para me lembrar a nossa reunião neste momento, com o fim especial de vado de chorar um dos nossos, que cedeu á lei da morte, um dos fundadores da A. P. L., a cuja frente este como presidente durante anos, um companheiro proeminente que se tornara uma reputação da Casa de Lucião.

A hora é para recordações. Infelizmente as minhas reminescências diretas de Higino Cunha não oferecem assinalado interesse.

Quando me entendi, e comecei a prestar atenção aos valores intelectuais da nossa terra, era êle já, um escritor de nome feito aqui. Depois demorei em Teresina, aonde viera finalizar o meu curso secundario. Foi então que conheci pessoalmente o insigne piauiense de São José das Cajazeiras. Egresso da magistratura, em que a sua habilidade cintilante não passara despercebida, desperdiçava talento no jornalismo partidário, fazia discursos arrebatadores e pagava tributo á agriboemia da capitalzinha, quase uma aldeia de carboclos sossegados, que acabava de fazer relações pessoais com a agua encanada de Antonino Freire e o gélco da Fiação dos Cruzes; e de imitar-se, graças a monsenhor Joaquim Lopes, no goso de almejada autonomia espirital, desligando-se episcopalmente do Maranhão.

As brigas dos partidos atravessavam uma fase de calmaria. Era governado o Estado o desembargador Alvaro Mendes — um cavalheiro retraído, cheio de compostura. O bispo dom Joaquim de cidadão amavel e comunicativo, trouxera para os padres e formigões dados ao cultivo da musica. Entre os últimos estavam Amanuél e Manoel Otaviano.

A mocidade indigena, bool, entretinha-se com os dos quais sustentava um jo-

Quasi todos os dias Teresina fazia diversões fa-
res em que se tocava violino ou se dansava não só
quadra americana, como a valsa ianque e o **pas de**
atre.

Os grêmios promoviam constantes tertúlias. A
nte nova recitava Bilac, Gonçalves Crespo, Guerra Jun-
heiro; e anciava na curiosidade de travar amizade com
odos os gigantes da poesia de aquem e de além mar.

O **Almanaque Piauiense** — de Abdias Neves, Mi-
guel Rosa e João Pinheiro — ficara no número 2 e **A**
Pátria desaparecera; mas os sons vibrados por essas duas
publicações — em pról do soerguimento intelectual do
Piauí — ainda retumbavam. Totó Rodrigues e B. Lemos,
com **O Comércio** e a **Gazeta**, tentavam — não sem van-
tagens — estabelecer aqui a imprensa noticiosa e inde-
pendente.

Por êsse tempo irrompeu em Teresina, vindo de
Amarante, Da Costa e Silva, autor dos sonetos **Aguarela**
e **Sangue**, trazendo consigo os **Últimos Sonetos**, de Cruz
e Souza, que a bondade de Teodoro Ribeiro Junior lhe
havia propinado. Pedro Brito era o decano dos poetas
jovens. Depois dele — vinham Nei da Silva, Jônatas e
Mário Batista. Cigarras quase da mesma era — Celso Pi-
nheiro, Zito Batista e Antônio Chaves **solfejavam** já. No-
gueira Tapetí, Alcides e Lucídio Freitas, entretanto, ain-
davam sinais de vida, como versejadores; e,
dos do bulício literário, apenas **engatinhavam** em
ção de Polínia.

Os grandes letrados do Piauí, os escritores con-
sagrados que transitavam nas ruas alinhadas, que o con-
selheiro Saraiva nos deixou, chamavam-se Anísio de
Abreu, Clodoaldo Freitas, Abdias Neves e Higino Cunha.

Como nas Escrituras, o último citado era o pri-
meiro... na admiração da mocidade. Era o mestre, o
pontífice das letras estaduais, muito embora o penúlti-
mo — Abdias Neves — tivesse já aberto o cisma com
que pretendia arrancar a tiara da cabeça do outro
hereje...

Pensador que nunca mudou de rotulo, Higino Cu-
nha era uma personalidade que se classificava definitiva-
mente: literato sem preconceitos de escolas, escritor po-
lítico decididamente voltado para Rui Barbosa, um demo-
liberal **sans peur et sans reproche**, propendendo em filo-
sofia, para Tobias Barreto, Kant e Haeckel e teimando
em mostrar-se um anticlerical simultaneamente terrível e
suave, á maneira de Metodio Maranhão, seu inconfundi-
vel condiscipulo de Recife.

Em Teresina, por esse tempo, tratei de perto com
Higino Cunha, sempre acolhido afavelmente. Não me ma-
culei, porém, na sua igreja, nem tão pouco na de Ab-
dias Neves — o brilhante conterrâneo que também co-
eci então e amei toda a vida, mais ou menos como
Panurgio. Preferi ficar comigo mesmo, assu-
despretenciosamente na luta literária da ter-
de de modesto e vago Rabelais adolescen-
to por culpa minha, por culpa do meu tem-
gregário.

do-me, fixei residência fóra do Piauí:
relações de amizade com o
mentaram. Para tanto con-

tribuiram as visitas que fiz ao cespede natal, além das
cartas que de vez em quando trocavamos.

Regressando ao Piauí, aqui vim reencontrar o
nosso excelso plúmivo de coração aberto, propenso a
dar-me provas da honrosa simpatia que sempre recipro-
quei.

Foi êle quem me empurrou para o seio desta ilus-
tre Companhia, da qual era eu sócio correspondente.

E nessa ocasião deu-se um caso psiquicamente
interessante. Vagara-se — com a morte do padre Cirilo
Chaves — a poltrona patrocinada com o nome de José
Manoel de Freitas: e o então presidente da Academia
entendeu que a vaga deveria ser preenchida por mim.
Nesse propósito veio ter comigo, acompanhado por Cris-
tino Castelo Branco, e disse-me o que queria fazer...
Rejeitei a distinção, assentando a minha recusa em mo-
tivos mais poderosos que a modestia dos meus méritos,
em razões que repousavam preponderantemente numa
coerência que eu persistia em guardar: a coerência de
antigo e impenitente apedrejador de imortalidades por
convenção. Mas o generoso confrade não esteve pelos
autos. E dias após participou-me de que eu estava aca-
dêmico efetivo, por proposta sua e aceitação unanime
da bondosa e amavel Confraria... Que fazer? O libe-
ral-democrata de todos os tempos desta feita, em rela-
ção a mim, cindira dos processos do demo-liberalismo,
destoando, autoritário, despotico, apesar de cordial, dos
seus principios caros... Que fazer? O **ukase** do Presi-
dente era peremptorio, como todos os **ukases**. A grande-
za da deferência — fulminante. Não tive outro geito,
senão me submeter — enternecido — á prepotência do
magnífico e venerando **mandão**...

Faço aqui uma pausa...

Quando accedi ao convite de Martins Napoleão
— para algo dizer na reunião presente — o meu com-
promisso limitara a minha tarefa á leitura de um modesto
artigo escrito por mim para a imprensa do Rio e Recife,
em 1924. E... palavra de imortal deve ser como pala-
vra de rei...

Passemos, pois, à leitura do artigo:

NOTAVEL E OBSCURO

Do alto da superioridade pedante com que do Rio
de Janeiro se observam ligeiramente os Estados e nestes
se apreciam—das capitais mais adiantadas às menos po-
pulosas ou às cidades simples sédes de municípios, um
jornalista festejado—o sr. Medeiros e Albuquerque, si me
não engano, criticando certa vez um livro pro-
provincia, achou de pespegar o epíteto de—genios
duais—nos escritores que, por esta ou por aquel-
lidade, ficaram pesando exclusivamente na om-
na admiração das gentes de fóra da capital.

O epíteto calhou e tem sido re-
mente—Brasil a dentro—a proposi-
sem proposito algum.

Não se quiz ainda p-
tosamente certas figuras
elogio mutuo, num ex-
absolutamente o

também cair sobre Antonio Lobo, João Brigido e Tobias Barreto, que, pelo fato de não terem sido transeuntes da antiga rua do Ouvidor, incidem, apesar das idéas e frases que exportaram, na pecha de genios estaduais — floridos respectivamente da terra de João Lisboa, na pátria das secas inclementes e do Araken hospitaleiro e no Pernambuco academico e revolucionario de outras eras.

Eu poderia alongar a lista, mas creio que esses três nomes me bastam; e só por si fortalecem o direito de exigir — para os malsinados homens de letras matutas — uma critica mais reverente, ou menos eivada de pouco caso.

Como em Maranhão, Ceará, Pernambuco, e nos demais colegas possuidores de escritores e leitores, e — ainda por cima — de academias de letras, para a cano-nização de uns e o embasbacamento dos outros, no Piauí proliferam os tipos apanhados pela pilheria do jornalista carioca. O mais acatado deles chama-se Higino Cunha e vem dar azo a que se fale da sua individualidade no momento presente, publicando, impressa na Papelaria Teresinense, uma memoria escrita para o livro comemorativo do centenario da proclamação da Independencia, feita em Oeiras a 24 de janeiro de 1823. Intitula-se "Historia das Religiões do Piauí" a bem arranjada brochura do velho intelectual piauiense. Nascido à margem esquerda do Parnaíba, e por conseguinte egresso de paragens riberinhas em que a contemplação da mesma paisagem amena e desolada, na intimidade de uma vizinhança prestativa e cara, leva o coração do aborigene a não procurar distinguir — onde o Maranhão começa e o Piauí acaba, Higino Cunha tem-se mostrado distintamente piauiense, e "piauiense como quem mais o seja", quer se insista em encarar essa variante, talvez meramente convencional do brasileiro mal caracterizado ainda — como "o mestiço forte, valente e trabalhador", que, escapando das mãos do Fidié na famosa batalha do Genipapo, vive ainda hoje, no dizer de atilado caboclo daquelas bandas, amedrontado do proprio entusiasmo; quer se considere o coestadano do segundo Marquês de Paranaguá — o tipo psicologico de firmeza nas convicções, constancia nos habitos e moderação nos impulsos, sem anseios de reformador e sem arrebatamentos, que illustre historiador indigena, sob a influencia avassaladora de Buckle, explica como uma reflexo do meio escandalosamente uniforme.

Só tendo deixado as suas plagas para bacharel-se no Recife, o memorista fez de Teresina o centro da sua atividade persistente de poeta, moralista e critico, manifestando-se audacioso, abnegado e dominador, pelo jornal, pela oratória e pelo folheto, em versos quasi maus, em discursos onde abundam surtos da melhor e mais arrebatadora das eloquências e numa prosa colorida, fluente e accessivel a todas as inteligencias, vazada em estilo que trai o antigo leitor assiduo dos mais impressionantes escritores do ultimo quartel do seculo XIX, Rui Barbosa notadamente, estilo todavia pessoal e forte, com as suas taras defensaveis.

Quarenta anos de intromissão salutar em todas as questões que de perto ou de longe teem tocado à impressionabilidade piauiense cimentam o nome de Higino

Cunha e dão-lhe uma influencia desmedida na sociedade regional. Tipo dos salões e tipo das ruas, o pensador tem tido simultaneamente assestadas sobre o seu vulto as vistas curiosas de várias gerações aliteratadas e no povo em geral.

Ora aparece como um boêmio inveterado, fazendo sentir pelo humorismo fulminante a sua intenção e chamando à humanidade, por meio da pilheria oportuna divindades quatrienais e Cresos caricatos; ora surge polemista energico e provocador, desancando erros e preconceitos.

Essa boemia inteligente casa-se perfeitamente com a acentuada tendencia filosofica prodigiosamente cultivada por Higino Cunha nos seus tempos de escola juridica, que foram aqueles em que se derramou, pelo Recife a melhor porção do espirito alemanizado de Tobias. Está, por isso, longe de ser um fanatico, sob qualquer ponto de vista.

Cumprido ter em mente uma fase não remota, na qual, como numa retrogação à era de Lutero e da Reforma, o fanatismo catolico e o fanatismo acatolico se defrontaram terrivelmente: e por pouco não se decretou para o Piauí a obrigatoriedade do livre pensamento... Nesse conflito o veterano de todas as campanhas anticlericais guardou atitudes dignas de nota, ora com uns, ora com outros, sem tomar partido, a servir-se da palavra da ponderação e do bom senso para chamar os exaltados à tolerancia e ao respeito das pessoas mesmo portadoras de opiniões que não mereciam respeito...

O historiador nortista é, destacadamente, individualidade capaz de impor-se ao apreço de qualquer publicista literario ou simplesmente pensante.

Fôra de certo hiperbolico compara-lo, mesmo com sua terra, com o Victor Hugo — da França do seu passado, porque do iluminado agitador do "Os Miseráveis" para o espirito francês — coévo, vai menor distancia que a existência entre o memorista das regiões e a compreensão piauiense de hoje em dia. Não haverá, porém, exagêro em aplicar ao intelectual brasileiro um conceito que aquele heresiarca oceanico arrancou a De Amicis: "grande agressor e grande defensor, combateu em todas as arenas, subiu a todas as alturas e desceu a todas as profundidades, e o que ha nele de admiravel é que, por mais que descesse, nunca se rebaixou".

A "História das Religiões no Piauí" é de fato um estudo interessante. O autor faz com paciência o historico do espirito religioso, dominante em Portugal na epoca dos Navegadores; aprecia em seguida os aspectos que o mesmo espirito assume nas terras de Santa Cruz, com os jesuitas e através dos contingentes que se lhes agregam, das raças heterogeneas, cruzadas aqui com o europeu; e frisa de

ligião catolica surgiu e medrou no Piauí. O movimento se iniciou com as Bandeiras, apressando-se dos Palmares, aquela malograda rebelião dos fujidos, onde irrompeu um Zumbi — em risco de empanar o brilho dos feitos da historia universal.

Isso feito, o escritor

refa de arranjar os fatos religiosos do Piauí: e nenhum caso relativo ás coisas da religião, ou das religiões, escapa áquela pena arguta, às vezes apaixonada, que não desconhece o valor das crenças, religiosas ou não religiosas, na vida dos povos. O estudo alcança longe o passado e vem até os nossos dias; e, bem intencionado, faz jus ao acatamento . . . mesmo dos que não podem estar de acordo com a orientação do memorista, ou com pontos de vista de certos detalhes em que ele se deixa levar por sentimentos pessoais, ou pelas informações de alguns autores favoritos.

Após a leitura da "Historia das Religiões no Piauí", presente-se que o historiador, mau grado a sua extraordinaria cultura materialista, esconde uma consciência profundamente religiosa. Estou para afirmar que

foi por isso que não pregou o desaparecimento das religiões e julgou indigno ver com aversão ou desgosto os crentes das diversas confissões e tambem o irreligioso.

É pena que o folheto presentemente dado á publicidade enfeixe assunto de natureza regional: e, por isso, de pouco interesse para o resto do Brasil — no momento preocupado com tantos problemas, em cuja solução Higinio Cunha poderia patentear melhor a competencia rara de um espirito onimodo e preclaro que não abateram anos e anos de segregação num lã bas brasileiro quase inacessivel.

Digo isto, porque desconfio que o deslebrado genio estadual do Piauí, bem estimada a sua significação intelectual, é capaz de valer mais que muitos genios federais.

